

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
SUSTENTÁVEL – IPADES**

QUALIDADE DE VIDA E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Francisco Barbosa

Sócio Presidente – IPADES

“O futuro pertence a quem souber libertar-se da idéia tradicional do trabalho como obrigação ou dever e for capaz de apostar num sistema de atividades, onde o trabalho se confundirá com o tempo livre, com o estudo, e com o lazer”.

Domenico de Masi, O Ócio Criativo (2000)

Na sociedade pós-industrial, a qualidade de vida passa a ter lugar de destaque no seu funcionamento. O aumento do valor agregado aos produtos e serviços que contribuam para tal será uma variável cada vez mais importante para o crescimento econômico.

Entende-se por qualidade de vida, as condições da vida de um ser humano. Envolve o bem físico, mental, psicológico e emocional, além de relacionamentos sociais, como família e amigos, saúde, educação, poder de compra, ambiente de convivência e outras circunstâncias da vida. Não deve ser confundida simplesmente com padrão de vida, uma medida que quantifica a qualidade e quantidade de bens e serviços disponíveis.

Em função desse novo conceito um número crescente de empresas e de profissionais passa a incluí-la nos seus padrões de produção, quer seja de produtos ou de serviços. Na análise do sociólogo italiano Domenico de Masi, ao dar uma aula ou uma entrevista, ao assistir a um filme ou discutir animadamente com os amigos, deve sempre existir a criação de um valor. Isto é o que ele chama de ócio criativo.

Tanto no tempo em que se trabalha quanto no tempo vago fazemos menos coisas com as mãos e sempre mais coisas com o cérebro, ao contrário do que acontecia até agora, por milhões de anos. Dentre as atividades que realizamos com o cérebro, as mais apreciadas e mais valorizadas no mercado de trabalho são as atividades criativas. Porque mesmo as atividades intelectuais, como as manuais quando são repetitivas, podem ser delegadas às máquinas.

A espécie humana passou da atividade física para a intelectual de tipo repetitivo e daí para atividade intelectual criativa, do trabalho-labuta nitidamente separado do tempo livre e do estudo ao “ócio criativo”, no qual estudo, trabalho e lazer acabam coincidindo cada vez mais. Essas três trajetórias conotam a passagem de uma sociedade que foi chamada de “industrial” a uma sociedade nova denominada de “pós-industrial”.

Segundo Domenico de Masi, o lugar que mais concilia a forma natural com o ócio criativo é o Brasil. Em nenhum outro país do mundo a sensualidade, a oralidade, a alegria e a “inclusividade” conseguem conviver numa síntese tão incandescente. É nesse contexto que este artigo busca materializar essa idéia através do paisagismo, ou seja, em melhorar o ambiente de convivência das pessoas, aspecto importante num país tropical. E também, porque em contatos com profissionais dessa área eles se mostram felizes em fazer o que gostam não distinguindo trabalho criativo de lazer.

Nas residências rurais e mesmo nas das cidades, antes da explosão da urbanização, a convivência homem e natureza era uma constante. Com a mudança desse padrão, iniciado no século passado, o homem foi se afastando da natureza e até chegou a achar que esse comportamento fosse uma evolução. Hoje, em sentido inverso procura-a; conscientiza-se que faz parte dela, e esta interação lhe traz benefícios. Atualmente, em vários ambientes que comportam a convivência humana inclui-se a paisagem verde, que pode alçar ao paisagismo.

Paisagismo é uma atividade multidisciplinar que interage em três distintos pilares: arte, ciência e técnica. Arte, quando o criador consegue, através de suas emoções e sensibilidade, concretizar sua criação ou idéia com o domínio da matéria prima (papel, madeira, tinta, argila, plantas, etc.). Ciência quando consegue justificar, explicar e relacionar a sua criação com os fenômenos da natureza, através das ciências biológicas, ciência do solo, engenharia de biosistemas, etc. E finalmente, a técnica que é o próprio exercício da ciência, por exemplo: planejamento, projeto, semeadura, enxertia, aração, poda, gestão, preservação de espaços livres, etc.

O sentimento artístico não é exclusivo de quem faz algum curso de artes. É claro que, quem o cursa é muito mais estimulado a desenvolver seus dons artísticos do que outros sem nenhum contato com o mesmo. Como exemplo tem-se o renomado paisagista brasileiro Roberto Burle Marx (1909-1994) que cursou a Escola Nacional de Belas Artes, na década de 1930, sem concluí-la. Mas não se devem esquecer os autodidatas, artistas natos, grupo ao qual Burle Marx também se enquadrava. E mais,

seu interesse pela variedade de espécies, formas e cores das plantas brasileiras foram despertados quando garoto, começando a colecionar e buscar entender o cultivo, enxertia, hábitos e reprodução de cada espécie.

Para Burle Marx, um jardim *“é uma obra viva, que resulta da combinação de diferentes formas e cores, como na pintura ou nos sons musicais. (...) Um bom jardim é aquele que revela compreensão espacial e justaposição de formas e volumes, como na pintura e na arquitetura. (...) Um jardim deve ser tecnicamente diferenciado em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Vitória, pois o princípio que deve reger qualquer trabalho do gênero é o de conhecer as plantas e o seu ambiente natural, num jogo de respeito, compreensão e comprometimento com a preservação de espécies vegetais condenadas à extinção, as quais devem ser organizadas de maneira a criar e transformar um ambiente em que as pessoas se sintam bem, numa arquitetura do viver, num lugar onde possam observar a floração das espécies, as estruturas e dimensões das árvores, estabelecer relações de comparação entre plantas e as gradações tonais das cores.”*

Esse paisagista apaixonado declarou numa de suas entrevistas: *“Gostaria que os que vissem depois de mim pudessem, pelo menos, ver alguma coisa que ainda lembrasse o país fabuloso que é o Brasil, do ponto de vista botânico, dono da flora mais rica do globo.”*

Burle Marx salvou da extinção várias espécies da flora brasileira, assim como importou, aclimatou e difundiu nos jardins do nosso país muitas outras espécies exóticas. Até 1994, ano de sua morte, havia projetado mais de dois mil jardins públicos e privados, para os quais transferiu as formas, as cores e a estética do modernismo.

O paisagismo como recomposição da paisagem desempenha importantes funções: proteção do solo; um melhor micro-clima ao ambiente; abrigo da fauna; recreação etc. Entre os elementos que compõem a paisagem, destaca-se a vegetação nas suas diversas formas: árvores e arbustos, gramados, plantas ornamentais etc. Um projeto paisagístico deve levar em conta não só os aspectos estratégicos, mas também os ecológicos, econômicos e sociais. Dentre as principais atividades do paisagismo incluem-se: parques e jardins públicos; jardins particulares; tratamento paisagístico de rodovias, escolas, hospitais, fábricas, hotéis, clubes recreativos, rios e lagos etc. Nas propriedades rurais ele ainda pode ser aplicado: aos anexos da sede, como jardins, hortas, pomares e construções várias; a entrada da propriedade; as vias de acesso; os entornos das represas etc.

Três profissionais, em função da grade de disciplinas obrigatórias, com interface com o paisagismo, se habilitam para exercê-lo: o engenheiro agrônomo, o engenheiro florestal e o arquiteto. Na engenharia agrônoma são seis as áreas temáticas – ciência do solo, ciências biológicas, engenharia de biosistemas, entomologia, fitopatologia e produção vegetal – disponibilizando 20 disciplinas. Na engenharia florestal são cinco as áreas temáticas – ciência do solo, ciências biológicas, engenharia de biosistemas, entomologia, fitopatologia – ofertando 12 disciplinas. Na arquitetura são três áreas temáticas – estética do projeto, projeto e tecnologia da arquitetura – oferecendo dez disciplinas. Essas grades de disciplinas dos cursos acima mencionados são ofertadas pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ) e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), ambas da Universidade de São Paulo (USP).

O Brasil, sendo um país tropical precisa muito do paisagismo. As cidades brasileiras não devem dispensar um bom projeto de arborização, pois esta exerce papel de vital importância para a qualidade de vida nos centros urbanos. No entanto, arborizar uma cidade não significa apenas plantar árvores em ruas, jardins e praças, criar áreas verdes de recreação pública e proteger áreas verdes particulares. Além disso, a arborização deve atingir objetivos de ornamentação, melhoria microclimática e diminuição da poluição, entre outros.

Na redução da temperatura, as árvores e outros vegetais interceptam, refletem, absorvem e transmitem radiação solar, melhorando a temperatura do ar no ambiente urbano. Segundo alguns estudos, através da redução da incidência direta da energia solar e do aumento da umidade relativa do ar, a arborização pode contribuir para a redução de até 4° C de temperatura, ajudando decisivamente para atenuação das chamadas ilhas de calor, áreas de ocorrência das temperaturas mais elevadas durante o dia, especialmente nas zonas de maior poluição do ar.

No entanto, a eficiência do processo depende das características da espécie utilizada, tais como a forma da folha, a densidade foliar e o tipo de ramificação. O vento também afeta o conforto humano e seu efeito pode ser positivo ou negativo, dependendo grandemente da presença de vegetação urbana. No verão, a ação do vento, retirando as moléculas de água transpirada por homens e árvores, aumenta a evaporação. No inverno, significa um aumento do resfriamento do ar.

Na redução da poluição urbana as árvores têm considerável potencial de remoção de partículas e gases poluentes da atmosfera. Todavia, a capacidade de

retenção ou tolerância a poluentes varia entre espécies e mesmo entre indivíduos da mesma espécie. Algumas árvores têm a capacidade de filtrar compostos químicos poluentes, como o dióxido de enxofre (SO₂), o ozônio (O₃) e o flúor (F), mas isso só será possível por meio da utilização de espécies tolerantes ou resistentes.

Ainda com respeito à poluição, pode-se dizer que a retenção de poluentes, o consumo do gás carbônico e a produção de oxigênio contribuem para a melhoria da qualidade do ar. Além disto, as cortinas vegetais são capazes de diminuir em cerca de 10% o teor de poeira e obstruir a propagação do som, resultando na redução do nível de ruído.

Quanto à ornamentação, ela mexe com valores culturais, históricos, sentimental, entre outros. Um valor muito considerado pelas pessoas, na arborização urbana, é o estético, em virtude da aparência das árvores serem direta e imediatamente perceptível, ao contrário dos demais benefícios.

Por essas contribuições é difícil estimar o valor de uma árvore. A Associação Americana de Engenheiros Florestais realizou um estudo comparativo chegando a um valor estimado de uma árvore; US\$ 273/ano. Considerando um tempo de vida de 50 anos e uma taxa de juros de 5% ao ano, o valor de uma árvore urbana chega à US\$ 57 mil dólares.

Embora esses valores possam ser discutidos, não há debate sobre a qualidade de vida, que o paisagismo propicia às cidades. Na ótica do ócio criativo, essa atividade pode se transformar numa cadeia de produção muito maior do que a atual, envolvendo desde os insumos modernos a serem utilizados, passando pelos profissionais envolvidos nos projetos até aos auxiliares mais simples, movimentando também redes comerciais, industriais e financeiras. Desse modo, um trabalho de tamanha importância para a qualidade de vida da população, mas que ainda é visto como supérfluo por boa parte dela, pode se transformar em segmento importante do desenvolvimento econômico, pois há grande demanda para tal. É o que se pode denominar de a economia do verde impulsionada pela melhoria das condições ambientais de convivência, e que só tenderá a crescer.